

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Perecíveis

APRESENTAÇÃO

PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS E ETNOGRÁFICAS SOBRE TECNOLOGIAS PERECÍVEIS: UMA INTRODUÇÃO

Igor M. Mariano Rodrigues*, Rodrigo Lessa Costa**, Fabiola Andréa Silva***

A construção do presente dossiê surgiu a partir das discussões engendradas no simpósio temático “Tecnologias Perecíveis: abordagens arqueológicas e etnográficas”, realizado em 2019 no XX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), em Pelotas – RS. Durante o simpósio, destacou-se, de diferentes formas, que as tecnologias perecíveis costumam ser invisibilizadas na Arqueologia como um todo. Na ocasião, os trabalhos reunidos¹ realçaram o quão dispersas e presentes estão essas tecnologias nas sociedades humanas ao longo do tempo. Elas são fundamentais para a moradia, obtenção, armazenamento e produção alimentar, na significação da vida de modo geral e nos seus momentos marcantes, como nos funerais. Neste volume, os assuntos debatidos no referido simpósio estão amplificados e aprofundados com a reunião de 14 artigos e um resumo de tese, agregando pesquisas realizadas nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, no centro da Argentina e na região circum-caribenha.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT). Bolsista FAPESP. E-mail: igor_mmrodrigues@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4793-8157>.

** Professor do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial e do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: rodrigo.lessa@univasf.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5362-3402>.

*** Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT). E-mail: faandrea@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5995-4704>.

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v34i3>

¹ Para a lista das apresentações do simpósio, ver: <https://www.xxcongresso.sabnet.org/programacao>, último acesso em 28/03/2021.

Utilizamos “tecnologias perecíveis” (*perishable technology*) para nos referir a conhecimentos técnicos relativos aos materiais de origem animal e vegetal, como conchas, ossos, chifres, dentes, couro, pelos, tendões, penas e plumas, assim como madeiras e diversos vegetais usados na fiação (que pode também se valer de materiais de origem animal), tecelagem, trançados/cestaria, cordoaria e derivados (como as redes), entre outras produções com fibras e resinas (ADOVASIO, 2021; DROOKER, 2004; HURCOMBE, 2014; JOLIE e WEBSTER, 2017; MILLER, 2007). Esses materiais, que compõem um amplo grupo, podem, ainda, combinar uns com os outros e também com diversos materiais inorgânicos para produzir e/ou compor muitos artefatos.

Em contextos arqueológicos, os testemunhos materiais indicativos dessas tecnologias requerem condições bastante específicas para sua preservação direta (ver, p. ex. ADOVASIO, 1977, 2021; COLES e COLES, 1989; CROES, 1977; DROOKER, 2004; GOOD, 2001; SCHIFFER, 1987), e a região tropical está longe de apresentar condições ideais para a preservação de orgânicos. Entretanto, a falta de vestígios não indica que as tecnologias perecíveis não tenham participado da vida das pessoas. Ausência de evidência não é evidência de ausência e a “tirania da preservação” (ADOVASIO, 2021) não deveria afetar nossas interpretações.

Além dos casos em que os materiais orgânicos se preservaram em sítios arqueológicos, as tecnologias perecíveis também são abordadas a partir de fontes (etno)históricas, experimentação e perspectivas que recorrem à etnografia ou coleções etnográficas (p. ex. ADOVASIO, 1975; ADOVASIO e GUNN, 1977; BUENO, 2003; COSTA, 2016; DROOKER, 2004; GRÖMER, 2005; HURCOMBE, 2014; JOLIE e MCBRINN, 2010; MARTELOTTA *et al.*, 2021; PETERSEN *et al.*, 2001; RODRIGUES, 2020; SILVA, 2000, 2007; SOFFER, 2004; STONE, 2011). Neste volume, estão reunidos estudos que recorrem a essas possibilidades e outros que abordam evidências arqueológicas diretas, demonstrando alguns caminhos de pesquisas sobre as tecnologias perecíveis em muitas regiões das Terras Baixas da América do Sul. Os trabalhos reunidos abrangem contextos de diferentes períodos e abordam populações indígenas, afrodescendentes, sertanejas e urbanas.

Independentemente das condições de preservação, é inexorável que as ausências de diversos vestígios fazem parte do registro arqueológico e, tal como as ausências de sujeitos e dinamismo, isso contribui para definir a Arqueologia, ao mesmo tempo em que a torna peculiar e fascinante. Na história dessa disciplina, a durabilidade de certos materiais facilitou a sua constante presença no pensamento arqueológico; da mesma maneira, a recorrente ausência dos perecíveis afetou as interpretações sobre vários de seus significados, porém, a *ausência mais problemática* está em nosso imaginário arqueológico (HURCOMBE, 2014).

A natureza orgânica não explica satisfatoriamente a marginalização das tecnologias perecíveis na Arqueologia (WOBUST, 2001 *apud* KING, 2017, p. 59)².

² Obra original: WOBUST, H. Martin. Matter over Mind: Perishables and the Glorification of Materiality in Archaeology. In: DROOKER, Penelope (Ed.), *Fleeting Identities: Perishable Material Culture in Archaeological Research*. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, 2001. p. 43-57. (Occasional Paper No. 28).

Sua invisibilização é tanto física quanto intelectual, sobretudo as tecnologias com base em fibras vegetais, como as têxteis, por exemplo, cuja falta de estudos tem relação direta com o apagamento dos papéis sociais de mulheres, pois a tecelagem costuma ser uma atividade tradicionalmente feminina entre distintos povos de muitas regiões (ADOVASIO *et al.*, 2009, 2014; BARBER, 1995; KING, 2017; SOFFER *et al.*, 2000; STONE, 2011; WEBSTER e DROOKER, 2000).

A pouca atenção aos perecíveis reflete também a maior atenção das pessoas arqueólogas àquilo que se preserva e se observa com mais facilidade, do que ao predomínio das relações técnicas com materiais inorgânicos ao longo da existência humana. Em linhas gerais, sabe-se que na Europa e África os instrumentos em madeiras (ARANGUREN *et al.*, 2018; SCHÖCH *et al.*, 2015) e ossos (D'ERRICO *et al.*, 2012; HENSHILWOOD *et al.*, 2001, SORESSI *et al.*, 2013) são bastante antigos e foram respectivamente datados, por exemplo, em até 300 e 70 mil anos. Há indícios de que contas de conchas eram usadas em torno de 115 mil anos atrás (HOFFMANN *et al.*, 2018), ampliando bastante a antiguidade do domínio da cordoaria, ainda que indiretamente. Todavia, as evidências diretas de cordoaria datam de um período entre 41 e 52 mil anos (HARDY *et al.*, 2020). A produção de fios e cordoaria foi uma “revolução” que alicerçou novos conhecimentos tecnológicos, como vestimentas, ornamentação, amarras, redes, armadilhas, entre outros, que possibilitaram à humanidade moldar o mundo de forma material e social (BARBER, 1995; HARDY, 2008). Cordoaria e demais tecnologias de fibras vegetais, como os têxteis e os trançados — as mais perecíveis dentre as tecnologias perecíveis — eram amplamente utilizadas no Velho Mundo em torno de 27 mil anos (SOFFER *et al.*, 2000) e, para Adovasio *et al.* (2014), o próprio povoamento inicial das Américas só foi bem-sucedido pelo domínio dessas tecnologias.

Outros problemas interpretativos da Arqueologia ocorrem em razão de técnicas inadequadas de recuperação de informações e da falta de familiaridade das pessoas arqueólogas com as tecnologias perecíveis (SOFFER *et al.*, 2000). Materiais orgânicos constituem a maior parte da cultura material e dos implementos necessários para sua produção. É o que Hurcombe (2014) qualificou como “a maioria ausente” (*the missing majority*) do registro arqueológico, baseada no fato de que plantas e animais fornecem materiais elementares para itens práticos e simbólicos, sustentando nossos corpos e almas — pois somos aquilo que comemos, usamos, vestimos, fazemos e habitamos.

É urgente então realçar o pressuposto das ausências dos perecíveis para evitar que a durabilidade física de certos materiais guie nossa compreensão sobre a materialidade antiga e atual, impedindo, assim, a construção de narrativas que reduzam as relações humanas aos inorgânicos. Isso é fulcral para praticantes de Arqueologia, uma vez que nosso mundo está, pouco a pouco, sendo mais povoado por coisas cada vez menos perecíveis.

Quando há condições de preservação, os perecíveis de origem vegetal predominam nos registros arqueológicos, podendo ser até vinte vezes mais comuns do que os instrumentos líticos (ADOVASIO *et al.*, 2014; DROOKE, 2004; KING, 2017). Na costa noroeste da América do Norte, observou-se que 95% da cultura material exumada em diversos sítios daquela região é composta por

madeiras e fibras, ao passo que apenas 5% é de pedra, osso e concha (CROES, 1997). Basta uma rápida consulta a compêndios sobre as tecnologias das populações indígenas das Terras Baixas da América do Sul (p. ex. BROCHADO, 1977; RIBEIRO, 1988; RIBEIRO e RIBEIRO, 1986; ROTH, 1924) para que se observe o nítido predomínio dos perecíveis nas casas, nos equipamentos domésticos — inclusive aqueles para produção do fogo —, tal como na tecelagem, armas, armadilhas, transportes, instrumentos musicais, plumária e inúmeros adornos. A constatação de casos em que mais da metade da cultura material é feita apenas de trançados, afora o amplo emprego de cucurbitáceas, cipós, fibras, palhas, óleos e tinturas vegetais, fez Berta Ribeiro (1980) considerar os ameríndios como “civilização vegetal” ou “civilização da palha”. Portanto, para compreendermos essa tecnologia eminentemente vegetal, é crucial dialogar com perspectivas da ecologia cultural, arqueologia da paisagem e arqueobotânica (p. ex. BALÉE, 1998; CLEMENT *et al.*, 2015; INGOLD, 1993; SCHEEL-YBERT, 2016; ZEDEÑO, 1997).

Processos e ações técnicas sobre materiais vegetais encontram-se, de forma direta e indireta, em todos os textos deste dossiê, os quais abordam, ainda, o conhecimento de outras populações além das indígenas. Alguns casos realçaram a agência latente desses seres, corroborando a necessidade de superarmos a “cegueira vegetal” típica da modernidade capitalista que pensa vegetais apenas como recursos econômicos e passivos (vide p. ex. CABRAL DE OLIVEIRA *et al.*, 2020). Mesmo em menor quantidade, há estudos que também integram tecnologias relativas aos materiais de origem animal.

Vegetais são imprescindíveis para a construção da Tavyva, a casa comunal dos Asurini do Xingu, sobre a qual a etnoarqueologia de Fabíola Silva abre o dossiê com dados e reflexões para abordar casas e o universo doméstico ameríndio. Mais do que uma casa, Tavyva é um corpo perecível, com distintos significados e agentividades. Em seu interior, outras tecnologias perecíveis são produzidas — e ali diferentes domínios cósmicos, pessoas e tempos se conectam. E para que a Tavyva possa existir, humanos valem-se tecnicamente de seus corpos para transformar, por exemplo, árvores em esteios e travessões.

O uso concomitante do corpo como instrumento e meio técnico (cf. MAUSS, 2003 [1934]) coaduna os esforços bioarqueológicos no que diz respeito às inferências sobre atividades cotidianas, conforme Daniel Fidalgo, Marina DiGiusto, Rafael Stabile, Beatriz Aceto, Igor Rodrigues e Veronica Wesolowski. Reunindo informações de marcadores osteológicos, o texto restaura o fluxo vital dos corpos humanos de modo a vislumbrarmos pessoas de cócoras, nadando, remando, polindo, entre outras atividades gravadas em seus ossos. O corpo é pensado enquanto tecnologia perecível, como vetor para acessar técnicas do cuidado social, e é também uma potente via indireta para reflexões sobre outras tecnologias perecíveis que com ele se relacionam.

Contextos funerários são propícios à preservação de materiais orgânicos, afora os próprios remanescentes ósseos humanos. Acompanhamentos funerários, que adornam e até compõem os próprios corpos sepultados, são abordados em alguns trabalhos.

Camila Ferreira e Daniela Cisneiros apresentam adornos de contextos funerários de sítios arqueológicos do Nordeste brasileiro, datados entre 10.000 anos B.P. e 1000 anos B.P. As autoras discorrem sobre a diversidade de materiais manipulados por meio de cortes, perfurações, desobstruções, polimentos e facetamentos, conforme suas propriedades. Foram identificados pingentes de ossos de cervídeos, aves, dentes de jaguatiricas, raposas, onças, diferentes adornos de sementes e madeiras, assim como braceletes e adereços de cabelo feitos sobre conchas de molusco.

Testemunhos das tecnologias perecíveis podem ainda ser encontrados em contextos pouco prováveis. Luydy Fernandes, Ana Gabriela Morim de Lima e Gabriel Vargas Zanatta estudam as contas de sementes de tiririca (*Scleria* sp) de sepultamentos arqueológicos a céu aberto na Bahia, comparando-as às contas de outros sítios nordestinos e mineiros. Conectando fontes arqueológicas, etnográficas e botânicas, os autores apresentam um processo refinado e variável de transformação de sementes em contas, levando-nos a pensar que a confecção dos adornos arqueológicos poderia levar dias. Ademais, fica evidente que os ameríndios possuem uma relação milenar com a tiririca, um vegetal deveras perigoso para as atuais artesãs Krahô.

A agência de distintos seres é abordada por Andrei Isnardis e Vanessa Linke no estudo sobre estruturas funerárias e de vegetais da Lapa do Caboclo, Minas Gerais, em que foram evidenciadas cascas, couros, sementes, raízes, resinas, trançados e até impressões de penas. Articulando minuciosas informações arqueológicas com teorias e dados de Etnologia Ameríndia, os sepultamentos secundários são interpretados como produção de novos corpos compostos por partes de vegetais e animais. Essa tecnologia sofisticada de construção corporal assemelha-se muito com a fabricação daquilo que costumamos traduzir como artefatos.

O conceito moderno de cultura material é repensado a partir de cosmovisões e ontologias ameríndias na etnoarqueologia dos trançados dos povos do Mapuera. Igor Rodrigues argumenta que trançar não é um saber-fazer exclusivamente humano. Embora perecíveis, trançados são corpos fabricados a partir da desconstituição de diversos vegetais, e suas vidas emergem de operações técnicas permeadas pela cosmopolítica, que persiste desde os tempos do criador Mawary. O autor sugere que a agência dos corpos trançados é resultado de suas corporalidades somadas às subjetividades e vitalidades de parte dos vegetais que constituem seus corpos.

O entendimento de que vegetais não são passivos aos atos técnicos, mas impõem condições e ritmos próprios para serem manipulados, é tratado por Marcos Abalos Luna num estudo sobre as impressões de cestarias arqueológicas da Argentina central. O autor discute as interações entre humanos, paisagem e vegetais, em especial a *Cortaderia selloana*, que possivelmente foi feita em cesto. Particularidades vitais e materiais desse vegetal são esmiuçadas, articulando-as às percepções, fluxos e engajamentos humanos a fim de que se possa pensar a materialidade muito além dos negativos presentes nas cerâmicas.

Trançados de fibras vegetais se preservam pouco no registro arqueológico. É necessário, então, conhecer melhor os pormenores da preservação desses

materiais. O estudo experimental de Rodrigo Lessa Costa, Maria Conceição Soares Meneses Lage, Benedito Batista Farias Filho, Letícia da Silva Nuvens e Jefferson dos Santos Lima aborda variações químicas e morfológicas de diferentes tipos de solos, mantidos sob abrigo e a céu aberto, para tratar de condições mais e menos favoráveis à preservação. Além de ter sido reafirmada a melhor preservação em locais abrigados, foram observadas, preliminarmente, possibilidades específicas em relação aos solos orgânicos.

Valendo-se da experimentação para acessar os invisíveis perecíveis através de inorgânicos, Gustavo Souza discorre sobre os processos de produção e uso de artefatos líticos, observando grande quantidade de materiais de origem vegetal e animal envolvidos nessas atividades. O autor destaca a necessidade de extrapolarmos análises “litocentradas”, pois a pouca atenção sobre os majoritários materiais orgânicos pode nos ludibriar. Perecíveis possuem propriedades e ritmos peculiares, cruciais nas interações com eles, e a articulação tecnológica entre diferentes materiais permite integrar, por exemplo, microvestígios relacionados à produção e alimentação.

Outra relação entre pedras e vegetais no processamento de alimentos está no ralo *xkmari* dos Waiwai. Para Vinícius Oliveira e Otekmi Wai Wai, apesar da importância arqueológica desses artefatos incidir recorrentemente sobre os líticos, o *xkmari* não existiria sem a prancha de madeira, resinas e pigmentos. Esses materiais orientam a disposição dos dentes nos ralos, ornamentando e significando todo o conjunto, cuja materialidade transcende seu uso pragmático, pois os ralos articulam e integram uma ampla e antiga rede de relações entre vários povos indígenas guianenses.

Agregando olhares da paleoetnobotânica e zooarqueologia, Francini Silva, Myrtle Pearl Shock, Gabriela Prestes Carneiro, Lucas Antonio da Silva, Elinalda Gama da Silva, Eros Hian dos Santos Costa, Anne Rapp Py-Daniel e Jennifer Watling refletem sobre alguns dados arqueológicos com informações etnográficas e etnohistóricas, ressaltando a importância de visibilizar os perecíveis arqueológicos para além de seus aspectos econômicos e ambientais. O ensaio faz um panorama de diferentes saberes que precisam ser considerados nas interpretações dos vestígios arqueológicos orgânicos em termos tecnológicos para vislumbrar antigas práticas, gestos e produções sobre alimentos, instrumentos, ornamentos, músicas, entre outros afazeres e cuidados que permeiam tanto a vida quanto a morte.

Espiritualidade e prudência na manipulação de distintos materiais e suas energias encontram-se na pesquisa afrocentrada de Luciana Novaes. Enquanto Iyalorixá, sua etnografia de dentro do candomblé apresenta a tecnologia do *ebó*, na qual fluxos vitais dos perecíveis ultrapassam a dimensão física da matéria para unificar distintos tempos e conectar diferentes mundos. Vegetais, outros seres e coisas integram a diáspora africana e são centrais na interligação humana com a afronatureza, demonstrando outros aspectos arqueológicos vinculados à paisagem de religiões de matriz africana. Ademais, o texto faz um manifesto contra a intolerância religiosa.

Marisa Sousa, Rosemary Aparecida Cardoso e Alencar de Miranda Amaral tratam de manifestações religiosas de populações sertanejas do interior do Piauí.

A antiga produção e deposição de ex-votos de madeira no âmbito do catolicismo popular é interpretada junto à comunidade de Sítio do Mocó, que entende esses artefatos como retribuição das graças recebidas. As esculturas informam aspectos do estado de saúde e o cotidiano das pessoas em suas atividades agrícolas.

Do sertão para as grandes cidades, a madeira importa, por exemplo, para a elaboração de instrumentos musicais. Uma vez que os ofícios contemporâneos são tão invisibilizados quanto as próprias tecnologias perecíveis, Matheus Mota defende o estudo das técnicas diante das alienações impostas pela modernidade, que separa consumidores dum processo produtivo fordista, gradativamente mais refém das máquinas, num mundo abarrotado por objetos plásticos e metálicos. Ao etnografar os *luthiers* belo-horizontinos, Mota registra diversos materiais orgânicos usados na confecção de guitarras elétricas, cuja cadeia operatória, envolta de perecíveis, não envolve imposição à matéria, mas requer habilidade e diálogo em sua transformação.

Por fim, Catarina Guzzo Falci resume sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Leiden, em 2020, que versa sobre adornos arqueológicos caribenhos, valendo-se de fontes etnohistóricas, arqueológicas e coleções etnográficas. Contas, pingentes, plaquetas e adornos auriculares, feitos em materiais minerais e orgânicos, foram estudados numa perspectiva de produção, uso e intercâmbio, que também recorreu à arqueologia experimental e traceologia para acessar os procedimentos pelos quais alguns adornos teriam sido conectados por fibras orgânicas. Trata-se, assim, de um trabalho que também visibiliza elementos que pouco se preservam no registro arqueológico.

Boa parte dos textos reunidos no dossiê trata da corporalidade em diversas escalas e aborda características e ritmos próprios dos materiais perecíveis. Muitas das tecnologias estudadas correspondem a meios legítimos e eficazes de transformação das formas e etapas de vida de todos os seres emaranhados nas operações técnicas. Há ainda trabalhos que discutem diferentes aspectos da agência dos artefatos perecíveis — que pode até estar ligada à vitalidade/espiritualidade dos materiais orgânicos — e suas possibilidades de conexões entre diferentes mundos e tempos. Esses estudos propiciam caminhos epistemológicos para reflexões sobre a materialidade imbricada com múltiplos tipos de pessoas e seres, transcendendo a ideia de representação.

De modo algum, pretende-se aqui negar o valor e todo o conhecimento gerado a partir dos estudos sobre líticos, cerâmicas, vidros, metais e outros materiais inorgânicos. Tenciona-se, na verdade, ampliar e enriquecer nossas reflexões e compreensões sobre a materialidade, haja vista que perecíveis e não perecíveis atuam juntos na vida humana — os segundos proporcionando caminhos para acessar os primeiros, e vice-versa. O objetivo dos trabalhos apresentados neste dossiê é propor mais caminhos aos estudos arqueológicos. Ora, os próprios humanos são perecíveis e dispõem tecnicamente de seus corpos, valendo-se de muitas tecnologias altamente engenhosas para a manutenção e significação da vida. Fazer isso, conforme Hurcombe (2014), é construir uma abordagem holística que considere as relações humanas com plantas e animais muito além de recursos alimentares e ambientais, mas como componentes

centrais para inúmeras tecnologias, seja para estudar os artefatos em si ou para obter dados indiretos de outras técnicas e materiais.

Ao longo de cinquenta anos estudando a cestaria, Adovasio (2021) se surpreendeu com evidências cada vez mais antigas e com a identificação de saberes técnicos que jamais imaginou no início de sua carreira. Ele ainda constatou um aumento significativo do estudo sobre as tecnologias perecíveis e, no seu entender, isso se deve menos à descoberta de contextos favoráveis à preservação orgânica e muito mais à ampliação da antevisão sobre as possibilidades de encontrar e estudar indícios dessas tecnologias. Isso vai ao encontro de Hurcombe (2014), outra especialista para quem a busca por quaisquer evidências sobre os perecíveis deve constar nas etapas de obtenção, apresentação e interpretação dos dados arqueológicos, recorrendo a diversos métodos e técnicas especializadas para obter o máximo de informações a partir do pouco que dispomos.

As perspectivas etnográficas da Arqueologia também precisam se empenhar mais no estudo das tecnologias perecíveis *sobre e com* diferentes comunidades. Elas continuam sendo caminhos potentes para: auxiliar na recuperação de informações arqueológicas; expandir a consciência sobre o que é possível fazer com determinados materiais por meio de uma perspectiva técnica (fundamental para pessoas acadêmicas que costumam apenas consumir produtos enlatados e encaixotados); entender outras realidades, significações, formas e meios de apreender o mundo junto com outros seres além dos humanos.

Enquanto praticantes de Arqueologia, nossa única certeza é de que a maioria dos testemunhos que nos permitem acessar as tecnologias perecíveis não estarão nos sítios arqueológicos, pelo menos de forma nítida e de fácil visualização. Isso deve nos motivar para atentarmos às possibilidades de qualquer registro. Esperamos que este dossiê estimule mais pesquisas e reflexões sobre os perecíveis e ajude a nunca descartarmos, de antemão, as possibilidades de aprendermos mais sobre eles, independentemente da antiguidade do contexto abordado e do posicionamento teórico de quem pesquisa. Pressupor as ausências de testemunhos relativos às tecnologias perecíveis é um bom caminho para visibilizá-las em nossas interpretações, pois o mais grave e deixá-las perecer também em nosso imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOVASIO, James. *Basketry Technology*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1977.
- ADOVASIO, James. Fifty years with baskets. *North American Archaeologist*, v.42, n.2, p. 119-139, 2021.
- ADOVASIO, James. The Textile and Basketry Impressions from Jarmo. *Paléorient*, v. 3, p. 223-230, 1975.
- ADOVASIO, James; GUNN, Joel. Style, basketry and basketmakers. In: HILL, James; GUNN, Joel (Orgs). *The individual in prehistory: studies of variability in style prehistoric technologies*. New York: Academic Press, 1977. p. 137-153.

- ADOVASIO, James; SOFFER, Olga; PAGE, Jake. *Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- ADOVASIO, James; SOFFER, Oren; ILLINGWORTH, Jeff S.; HYLAND, David. Perishable fiber artifacts and paleoindians: new implications. *North American Archaeologist*, v. 35, n. 4, p. 331-352, 2014.
- ARANGUREN, Biancamaria; REVEDIN, Anna. AMICO, Nicola; Cavulli, Fabio; GIACHI, Gianna; GRIMALDI, Stefano; MACCHIONI, Nicola; SANTANIELLO, Fabio. Wooden tools and fire technology in the early Neanderthal site of Poggetti Vecchi (Italy). *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 9, p. 2054-2059, 2018.
- BALÉE, William. Historical ecology: premises and postulates. In: BALÉE, William (Ed.), *Advances in historical ecology*. New York: Columbia University Press, 1998. p. 13-29.
- BARBER, Elizabeth W. *Women's Work: the first 20,000 years*. Women, cloth, and society in early times. New York; London: W. W. Norton & Company, 1995.
- BROCHADO, José Proenza. *Alimentação na floresta tropical*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977. (caderno n. 2).
- BUENO, Lucas. Estilo, forma e função: das flechas Xikrin aos artefatos líticos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 13, p. 211-226, 2003.
- CABRAL DE OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; MORIM DE LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure (Orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo: Ubu editora/IRD, 2020.
- CLEMENT, Charles R.; DENAVAN, William M.; HECKENBERGER, Michael J.; JUNQUEIRA, André Braga; NEVES, Eduardo G.; TEIXEIRA, Wenceslau; WOODS, William I. The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of The Royal Society B: Biological Sciences*, v. 82, n. 1821, p. 1-19, 2015.
- COLES, Bryony; COLES John. *People of the Wetlands: bogs, bodies and lake-dwellers*. New York: Thames and Hudson, 1989.
- COSTA, Rodrigo. *Palha e Tala: estudo da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos brasileiros*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- CROES, Dale R. *Basketry from the ozette village archaeological site: a technological, functional, and comparative study*. 1977. Tese (Doutorado em Antropologia) - Department of Anthropology, Washington State University, 1977.
- CROES, Dale R. The North-Central cultural dichotomy on the Northwest Coast of North America: its evolution as suggested by the wet-site basketry and wooden fish-hooks. *Antiquity*, v. 71, n. 273, p. 594-615, 1997.

- D'ERRICO, Francesco; BORGIA, Valentina; RONCHITELLI, Annamaria. Uluzzian bone technology and its implications for the origin of behavioural modernity. *Quaternary International*, v. 259, p. 59-71, 2012.
- DROOKER, Penelope; WEBSTER, LAURIE (Eds.). *Beyond Cloth and Cordage: Archaeological Textile Research in the Americas*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2000.
- DROOKER, Penelope. Introduction: Perishable evidence in the Northwest. In: DROOKER, Penelope B (Ed.). *Perishable Material Culture in the Northeast*. New York: New York State Museum, 2004. p. 1-18.
- GOOD, Irene. Archaeological textiles: a review of current research. *Annual Review of Anthropology*, v. 30, n. 1, p. 209-226, 2001.
- GRÖMER, Karina. Efficiency and technique – Experiments with original spindle whorls. In: BICHLER, P.; GRÖMER, K.; KEIJZER, R.H.; KERN, A.; RESCHREITER, H. (eds). *Hallstatt Textiles: Technical Analysis, Scientific Investigation and Experiment on Iron Age Textiles*. British Archaeological Reports International Series, v. 1351, p. 107-116, 2005.
- HARDY, Karen. Prehistoric string theory. How twisted fibres helped to shape the world. *Antiquity*, v. 82, n. 316, p. 271-280, 2008.
- HARDY, Bruce; MONCEL, Marie-helene; KERFANT, Céline; LEBON, Matthieu; BELLOT-GURLET, Ludovic; MÉLARD, Nora. Direct evidence of Neanderthal fibre technology and its cognitive and behavioral implications. *Scientific Reports*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2020.
- HENSHILWOOD, Christopher; D'ERRICO, Francesco; MAREAN, Curtis W.; MILO, Richard; YATES, Royden. An early bone tool industry from the Middle Stone Age at Blombos Cave, South Africa: implications for the origins of modern human behaviour, symbolism and language. *Journal of Human Evolution*, v. 41, n. 6, p. 631-678, 2001.
- HOFFMANN, Dirk; ANGELUCCI, Diego; VILLAVERDE, Valentín; ZAPATTA, Josefina; ZILHÃO, João. Symbolic use of marine shells and mineral pigments by Iberian Neandertals 115,000 years ago. *Science Advances*, v. 4, n. 2, p. eaar5255, 2018.
- HURCOMBE, Linda. *Perishable Material Culture in Prehistory: investigating the missing majority*. London/New York: Routledge, 2014.
- INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.
- JOLIE, Edward; MCBRINN, Maxine. Retrieving the perishable past: experimentation in fiber artifact studies. In: FERGUSON, Jeffrey R. (Ed.). *Designing experimental research in archaeology: examining technology through production and use*. Boulder, CO: University Press of Colorado, 2010. p. 153-193.

- JOLIE, Edward; WEBSTER, Laurie. Perishable Technologies. In MILLS, B; FOWLES, S. (Ed.) *The Oxford Handbook of Southwest Archaeology*. Oxford University Press, 2017.
- KING, Megan. *Gender, Lithics, and Perishable Technology: Searching for Evidence of Split-Cane Technology in the Archaeological Record at the Mussel Beach Site (40MI70)*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia), University of Tennessee, Knoxville. 2017.
- MARTELOTTA, Eva F.; WILKINS, Jayne; BRUMM, Adam; LANGLEY, Michelle C. New Data from old collections: retouch-induced marks on Australian hardwood boomerangs. *Journal of Archaeological Science: reports*, v. 37, 102967, 2021.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1934]. p.399-422.
- MILLER, Heather Margaret-Louise. *Archaeological approaches to technology*. Burlington, MA: Academic Press, 2007.
- PETERSEN, James; HECKENBERGER, Michael; WOLFORD, Jack. Spin, Twist, and Twine: an ethnoarchaeological examination of group identity in native fiber industries from Greater Amazonia. In: DROOKER, Penelope (Ed.), *Fleeting Identities: Perishable Material Culture in Archaeological Research*. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, 2001. p. 226-253. (Occasional Paper No. 28).
- RIBEIRO, Berta. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed da Universidade de São Paulo, 1988.
- RIBEIRO, Berta; RIBEIRO, Darcy (Eds.). *Suma etnológica brasileira*. Volume 2: Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RODRIGUES, Igor M. Mariano. Por uma etnoarqueologia dos trançados ameríndios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 34, p. 87-110, 2020.
- ROTH, Walter E. *An introductory study of the arts, craft, and customs of the Guiana Indians*. Washington: Smithsonian Institution, 1924.
- SCHEEL-YBERT, Rita. Dossiê arqueobotânica na América do Sul. Editorial. *Cadernos do LEPAARQ*, v. XIII, n. 25, p. 119-130, 2006.
- SCHIFFER, Michael B. *Formation processes of the archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- SCHOCH, Werner; BIGGA, Gerlinde; BÖHNER, Utz; RICHTER, Pascale; TERBERGER, Thomas. New insights on the wooden weapons from the Paleolithic site of Schöningen. *Journal of Human Evolution*, v. 89, p. 214-225, 2015.
- SILVA, Fabíola A. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

- SILVA, Fabíola A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2007.
- SOFFER, Olga; ADOVASIO, James; ILLINGWORTH, H.; AMIRKHANOV; PRASLOV, N.; STREET, M. Recovering perishable technologies through use wear on tools: preliminary evidence for Upper Paleolithic weaving and net making. *Current Anthropology*, v. 45, n. 3, p. 407-413, 2004.
- SOFFER, Olga; ADOVASIO, J. M.; ILLINGWORTH, J. S.; AMIRKHANOV, H. A.; PRASLOV, N.D.; STREET, M. Palaeolithic perishables made permanent. *Antiquity*, v. 74, n. 286, p. 812-821, 2000.
- SORESSI, Marie; McPHERRON, Shannon; LENOIR, Michel; DOGANDZIC, Tamara; GOLDBERG, Paul; JACOBS, Zenobia; MAIGROT, Yolaine; MARTISIUS, Naomi; MILLER, Christopher, RENDU, William; RICHARDS, Michael; SKINNER, Matthew; STEELE, Teresa; TALAMO, Sahra; TEXIER, Jean-Pierre. Neandertals made the first specialized bone tools in Europe. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 110, n. 35, p. 14186-14190, 2013.
- STONE, Elisabeth A. The role of ethnographic museum collections in understanding bone tool use. In: BARON, J.; KUFEL-DIAKOWSKA, B. (Eds.). *Written in bones: studies on technological and social contexts of past faunal skeletal remains*. Wrocław: Uniwersytet Wrocławski, 2011. p. 25-37.
- ZEDEÑO, María Nieves. Landscapes, land use, and the history of territory formation: An example from the Puebloan Southwest. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 4, n. 1, p. 67-103, 1997.